UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A ESCOLA E A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

Bruna Evelin Souza Filgueiras

Brasília – DF
2017

Bruna Evelin Souza Filgueiras

A ESCOLA E A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas

Brasília – DF
2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SF481e

SOUZA FILGUEIRAS, BRUNA EVELIN
A ESCOLA E A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA NA CONTEMPORÂNEIDADE / BRUNA EVELIN SOUZA FILGUEIRAS; orientador OTÍLIA MARIA A.N. A. DANTAS. -- Brasília, 2017.
51 p.

Monografia (Graduação - PEDAGOGIA) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. ESCOLA. 2. FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA. 3. RELAÇÕES FAMILIARES. 4. EDUCAÇÃO. I. A.N. A. DANTAS, OTÍLIA MARIA , orient. II. Título.

Bruna Evelin Souza Filgueiras

A ESCOLA E A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Ireuda da Costa Mourão (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Patrícia Lima Martins Pederiva (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Cátia Almeida Nascimento (examinadora suplente)
Mestranda do PPGE-MP/FE – SEDF

Brasília-DF, novembro/2017

AGRADECIMENTOS

A princípio agradeço à minha mãe, por me ajudar a me tornar quem eu sou hoje, por ser um exemplo de mulher e inspiração tão essencial, que despertou em mim o desejo de estudar o tema dessa pesquisa.

Às entrevistadas, por terem me acolhido de maneira tão agradável em seu local de trabalho, contribuindo para o conhecimento acerca da realidade em que a escola está inserida. Agradeço igualmente a todos os participantes do questionário online, que puderam abrir meus olhos para diferentes percepções.

À professora Otília Dantas, por ter me amparado quando pensei que ninguém acolheria essa temática. Sua orientação, incentivo e brilho no olhar em cada reunião foram essenciais nessa caminhada.

Sobretudo à Universidade de Brasília e às oportunidades que encontrei nesse percurso, dentre elas, o ProIC – O Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, que me financiou durante um ano. Agradeço pelo incentivo para me dedicar ao estudo e me tornar não só mais uma graduanda, mas sim uma educadora.

Às mães solteiras, por me mostrarem a força de vontade que possuem.

À minha mãe, por ser o maior exemplo dessa força.

RESUMO

A família sempre foi presente na escola desde longas datas, na maioria das vezes, confiando plenamente a educação de seus filhos, parceria esta ainda presente nos dias atuais. Todavia na contemporaneidade, a família apresenta um novo comportamento, não mais constituída apenas de pai, mãe e filhos. Diante deste quadro este estudo visa compreender a relação escola e família monoparental feminina e sua participação no cotidiano da escola. Para isso foram realizadas entrevistas em uma escola pública com sua diretora e duas professoras. Também foi realizado um questionário com filhos oriundos dessa instituição familiar, sendo assim constitui-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. A partir do referencial teórico desenvolvido, foi possível expor diferentes conceitos acerca da família e educação, comprovando a existência da diversidade presente no mundo contemporâneo. Os resultados constatam que essa instituição familiar tem grande presença na escola e pode, assim como as outras, se tornar uma grande aliada, se realizado um trabalho conjunto.

Palavras-chave: Escola. Família monoparental feminina. Relações familiares. Educação.

ABSTRACT

Family has always been present in school life, most of the time, completely relying on the education of their children; a partnership that is held until this day. However, in the present time, family portrays a new structure, not necessarily consisting of father, mother and children. Given this framework, this study aims at understanding the ties that link the school to the female single-parent family structure and their participation in their children's daily life at school. With this purpose, an investigative study of qualitative nature was carried out through interviews and polls with children from the afore mentioned family structure. From the theoretical framework developed, it is possible to present different concepts about family and education, proving an existing diversity in the contemporary world. The results show that this family institution has major presence in their children's school life and can, just as the other family structures, become a great ally if a joint work is carried out.

Keywords: School. Female single-parent family**.** Family relationships. Education.

SUMÁRIO

RESUMO 7

PARTE I – MEMORIAL FORMATIVO 11

INTRODUÇÃO 10

1. MEMORIAL FORMATIVO 12

PARTE II – MONOGRAFIA 10

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17

2.1. ARRANJOS FAMILIARES 17

2.2. FAMÍLIA E EDUCAÇÃO 23

2.3. EDUCAÇÃO E VALORES 25

2.4. EDUCAÇÃO E CULTURA 26

3. METODOLOGIA 28

4. ANÁLISE DOS DADOS 30

4.1. OS SUJEITOS DA PESQUISA 30

4.2. CONCEITO DE FAMÍLIA 32

4.3. INFLUÊNCIA FAMILIAR 33

4.4. A FIGURA PATERNA 34

4.5. OLHAR DA ESCOLA SOBRE A FAMÍLIA 36

4.6. RELACIONAMENTO ESCOLA-FAMÍLIA 39

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS 42

5.1. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS 44

REFERÊNCIAS 47

APÊNDICE A 50

APÊNDICE B 51

PARTE I – MEMORIAL FORMATIVO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a relação família-escola presente desde que a escola foi instituída. Todavia as concepções tanto de família como de escola sofreram alterações e, historicamente, alguns estudiosos consideram esta relação ora como avanço e ora como retrocesso, dependendo de seu ponto de vista.

Percebendo as transformações que ocorrem na sociedade, como é o caso que é abordado neste estudo: as famílias contemporâneas, em destaque para a monoparental feminina encontram-se, cada vez mais, sendo reconhecidas pela sociedade. A preocupação principal é saber como se dá a relação escola e família monoparental feminina e sua participação no cotidiano da instituição escolar.

Ter vivenciado o fato de ser educada no contexto da família monoparental feminina, sendo, nesse caso, definida como a família cujos filhos são educados por mãe solteira, foi o que impulsionou a realização deste trabalho. Em todo o planeta o conceito de família vem sofrendo alterações. Destarte, o estudo focou nesta nova categoria de família, tendo em vista que o modelo nuclear conjugal não é mais o único perfil de família reconhecida.

Os processos de ensino e aprendizagem dos sujeitos são variados dependendo do contexto em que vivem. Desse modo, é importante responder a problemática de como se dá a relação escola e família monoparental feminina no cotidiano escolar.

Para tanto, foi tomado como **objetivo geral** compreender a relação escola e família monoparental feminina e sua participação no cotidiano da escola. Os **objetivos específicos** visam: i) delinear as bases teóricas sobre o conceito de educação, escola e família e suas relações; ii) analisar a maneira que a escola lida com os novos tipos de família; iii) conhecer o olhar acerca da figura paterna para os filhos de famílias monoparentais femininas.

Finalmente, organizou-se o trabalho dividindo-o em duas partes, sendo a primeira constituída desta introdução e o Memorial Formativo por meio do qual é apresentado recortes da história de vida da autora, especialmente no que concerne ao objeto de estudo aqui investigado – a família monoparental feminina. A segunda parte, dividida em três capítulos, aborda as categorias teóricas que embasam a pesquisa; a metodologia adotada e as análises realizadas por ocasião da entrevista

e questionário com os sujeitos pesquisados (diretora da escola, duas professoras e os filhos de família monoparental feminina). Por fim, são apresentadas as considerações finais e as perspectivas nas quais a autora realiza uma síntese de todo o estudo e assenta o olhar para o amanhã procurando relacionar o passado ao presente e ao futuro, demonstrando ter superado as dificuldades apontadas no memorial formativo no sentido de encontrar respostas à sua prática como docente.

1. MEMORIAL FORMATIVO

"Não haverá borboletas se a vida não passar
por longas e silenciosas metamorfoses."

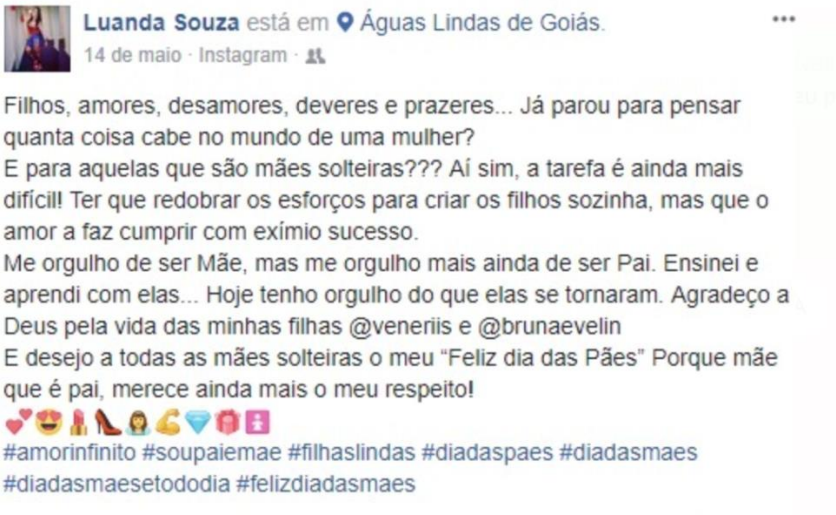
Rubem Alves (1999, p.39)

Luanda… uma mulher incrível que se tornou mãe muito jovem. Com apenas 18 anos teve sua primeira filha: Stephane. Após 2 anos e 7 meses gerou sua segunda filha, Bruna Evelin, que atualmente está quase pronta para se tornar uma educadora. No entanto, o percurso para chegar até aqui não foi fácil, à medida que a vida, geralmente semelhante a uma montanha russa, passou por altos e baixos, para enfim, dar uma pausa, respirar fundo e se preparar para continuar o percurso, se deparando com novas subidas ou descidas ainda desconhecidas.

Para chegar na mulher forte que é hoje, Luanda se viu compelida a passar por obstáculos que, por muitas vezes, achou que não poderia enfrentar. Seu pai, que era extremamente machista, a desqualificou, e talvez ela não tenha percebido, mas muitos a olharam com piedade acreditando que ela não conseguiria ser mãe solteira. Então, com o apoio de sua mãe, também solteira, aprendeu a lutar para criar duas filhas, ainda que jovem.

Curioso descobrir que em pleno século XXI ainda existe tanto preconceito social por uma mulher decidir se sustentar ou criar uma família sem a companhia de um homem. É um pensamento retrógrado, embora vigente ainda nos dias de hoje. Como poderia o gênero masculino ser a única ou a principal fonte de sustento para uma família? Uma mulher separada e sem apoio não consegue desempenhar o papel de criar bem os seus filhos? A propósito, neste momento, como educadora prestes a formar, reflito sobre as palavras que minha mãe postou em seu perfil do Facebook (Figura 1) e indago: será que minha mãe fez essas perguntas quando se viu "sozinha"?

Figura 1. *Post* de minha mãe sobre filhos.



FONTE: *Facebook* Luanda Souza, 2017

Durante a minha vida, não tive muito apoio do meu pai sobre minha formação, principalmente na escola. Infelizmente sempre me entristecia com isso, apesar de saber que possuo duas mulheres muito fortes na minha vida: minha mãe e minha avó, que desde cedo me incentivaram a estudar antes mesmo de entrar na escola. Todos os anos, em festas escolares, perguntava-me se meu pai iria aparecer, se ele se lembraria de mim e acabava em um estado de tristeza e quase sempre, chorava. No entanto, reconhecia que minha mãe fazia este "papel" muito bem e os presentes que fazíamos na escola eram entregues a ela. Nas minhas brincadeiras de escolinha, não aconteceriam celebrações para o dia dos pais, mas sim para o dia da família.

Eu tinha 9 anos quando recebi a notícia que teria uma irmãzinha por parte de pai, a Isabelly. Nesse momento, meu pai já estava casado e tive um misto de sentimentos, fiquei triste e feliz ao mesmo tempo, dado que minha vontade de ter uma irmã mais nova era gigantesca. Entretanto, senti que teria menos atenção do que eu já não tinha, se é que isso era possível. Quando minha irmã nasceu, passei a frequentar a casa do meu pai algumas vezes ao ano e tive um relacionamento melhor com a minha família paterna. Contudo, sentia que a atenção não mudou em nada. Em 2012, ganhei um irmão, o Isaac, e fiquei completamente apaixonada. Em 2013, fiz minha primeira viagem com minha família paterna e a partir daí, criei laços afetivos com toda a família, inclusive com meu pai. Apesar de nessa época manter

contato com meu pai, ainda acreditava que minha mãe era o meu pai de verdade e nunca a deixei de parabenizar em todos os dias dos pais. Todavia estamos em 2017 e algumas coisas mudaram, hoje eu e meu pai nos encontramos distantes novamente e para falar a verdade, eu não procuro mais entender essas voltas que a vida dá, talvez ano que vem possamos estar conversando normalmente.

Hoje estou aqui me perguntando sobre todo o trajeto que fiz até chegar onde estou, me tornando educadora... ou será que sempre fui? Desde criança, sempre gostei de me aventurar brincando de ser professora. Implorava para minha avó ou mãe comprarem um quadro branco para eu poder brincar com minha irmã e primas. Até hoje recordo o nome das professoras da Educação Infantil até a 3ª série: Osmarina, Alessandra, Valéria, Vanessa… Mulheres inspiradoras, que me educaram muito bem.

Formei-me no Ensino Médio e no dia do resultado do vestibular resolvi ir para academia com a minha mãe, algo que não era do meu costume. Quando saí da aula recebi várias mensagens: "Bruna, você já olhou o resultado"? Quando cheguei em casa não acreditei! Passei na UnB! Eu? Nunca imaginei, pois estudara a vida inteira em escola pública e nunca havia feito um cursinho sequer para auxiliar no ingresso à Universidade e agora estava a quatro anos de me tornar uma pedagoga.

Logo começou a minha vida acadêmica: artigos, normas da ABNT, textos enormes, livros, coisas que eu nunca vi na minha Educação Básica. Refleti se era isso mesmo que eu queria, pensei em desistir, até que fiz estágio. Adorei, e olha… Como os pequeninos nos fazem bem, não é? Foi a partir desta experiência que notei bastante diferença na formação familiar de alunos de escola privada em comparação com alunos de escola pública. Percebi que o acompanhamento da família faz total diferença na formação dos alunos.

A partir dos estágios, comecei a pensar nos possíveis temas para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. A professora Otília, minha orientadora, ajudou-me a pensar que deveria ser um tema relacionado com as minhas experiências de vida, algo que me inspirasse e que despertasse o desejo de estudar. Mas, o que me inspira mais que minha mãe? Nada! Como consequência, iniciei a busca sobre o assunto e senti-me incluída em um mundo que acredito que eu já fazia parte, apenas não tinha acordado este espírito que estava descansando dentro de mim.

Sempre notei a diferença que a figura materna faz na vida de uma criança e que esta figura traz consigo uma bagagem enorme que a sociedade constrói e que a mulher deve desempenhar. Como fui criada por mãe solteira, ficava me perguntando: e os papéis que a sociedade diz que o pai deve fazer? Não tenho convivência com meu pai, e agora? Vou ficar com um vazio na minha formação? E percebi que não, minha mãe exerceu muito bem este papel que a sociedade diz que é o pai quem deve fazer. Portanto, percebi que o gênero não fez diferença e não me tornou incapaz de nada.

Pensei, portanto, na escola… será que minha mãe se empenhava para me fazer alcançar meus objetivos? Será que a escola estava preocupada com meu contexto familiar? Eu era diferente da garotinha que tinha pais tradicionais? Eles têm aprendizagens diferentes? Mas será que a família diferente é “incapaz” comparada com a tradicional? Qual a atuação da família monoparental feminina na escola? Estas mães são presentes? Apesar de famílias tradicionais existirem, quem mais comparece à escola? E não sei porque, mas na minha cabeça a resposta vai ser sempre “a mãe”. Talvez eu me depare com respostas diferentes, mas que vão auxiliar nas situações que encontrar durante a vida.

Acredito que todo ser humano tem possibilidade de se tornar capaz do que desejar, independente de fazer parte de uma família homoafetiva, monoparental ou tradicional. Não consigo pensar que uma família pode ser melhor que a outra, somente por fatores genéticos. Também não quero dizer que a família monoparental feminina é melhor que as outras, mas acredito que, nas escolas públicas, essa é uma configuração mais presente, e por isso, busquei saber a importância e a atuação dessas na escola, pois como pedagoga, tenho que entender e contextualizar os lugares que vou entrar para educar.

Busco como pedagoga, educar alunos para a vida e não somente lhes ensinar conteúdos, pois acredito que os valores são essenciais na vida das crianças, incentivando-as a serem pessoas melhores, acreditando em si mesmas e respeitando uns aos outros. A diversidade é algo que está presente no mundo, e não podemos simplesmente fechar os olhos e tratar todos como iguais, isso muitas vezes é o que se observa nas escolas. Acredito que estamos educando para o futuro. Com isso, quero dizer que temos que ter uma visão mais aberta sobre o mundo, para constituir sujeitos que se respeitem e evoluam diariamente.

Diante desta minha realidade, decidi investigar este tema que por ora apresento a partir da pesquisa que desenvolvi durante os anos de 2016/2017 financiado pelo ProIC/UnB, tendo como coordenadora da pesquisa minha orientadora, a professora Otília Dantas.

PARTE II – MONOGRAFIA

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola e a família são instituições importantes para a formação dos indivíduos. São as primeiras instituições que permitem ao ser humano interagir com os outros seres humanos, com o mundo e com o conhecimento. Todavia, nem sempre estas instituições encontram-se emparelhadas em suas finalidades, pois cada uma delas apresenta uma cultura própria que, em alguns momentos, provocam atritos entre si. A diversidade de configurações que a família contemporânea vem apresentando, no primeiro quartil do século XXI, é um dos fortes motivos de atrito entre família e escola.

Deste modo, neste capítulo será abordado sobre o primeiro objetivo específico apresentado na introdução – delinear as bases teóricas sobre os conceitos de educação, escola e família. Inicialmente serão apresentadas as especificidades as quais se configura a instituição família. Em seguida, serão conceituados os termos educação e escola na relação com a família, delineando o que foi compreendido de cada uma destas categorias e suas relações sociais.

Para assimilar a relação entre família, educação e escola, será necessário abrir a mente para perceber que, na contemporaneidade, vive-se com diferentes definições acerca destas instituições, em especial, a família. Diante disso expõem-se adiante algumas dessas definições para melhor compreensão do termo.

2.1. Arranjos Familiares

A **família** em tela – a **monoparental feminina** – é aquela chefiada por mãe solteira ou até avós solteiras, também denominada uniparental feminina. Segundo Graça (2014, p. 30), “está a referir aos lares que não têm duas pessoas (pai e mãe) a responsabilizar pela família, mas uma só cuidando dos filhos”. Como o próprio nome “uniparental” expõe, esta instituição inicialmente foi formada por um casal composto por um homem e uma mulher gerando um ou mais filhos, e que posteriormente se desfez formando um grupo familiar com somente um de seus geradores, no caso, a mãe, que então fica com o papel exclusivo de educar os filhos.

A **família monoparental masculina**, com a mesma definição tratada acima para a feminina, se diferencia em relação a quem ministra a educação de seus filhos, nesta situação, o pai.

A **família homoafetiva** é aquela composta pela união de pessoas do mesmo sexo que, por meios legais, têm o direito de adotar/gerar uma criança. Para Graça (2014, p.35, tradução nossa) é a "relação entre duas pessoas do mesmo sexo, que pode ter crianças adotadas ou filhos biológicos não do casal da convivência, mas pode ser de um dos membros".

A **família tradicional/nuclear** é ainda a mais presente na contemporaneidade e a mais aceita pelo Estado e pela maior parte da população. É também o "modelo vigente" no Brasil, formada por um casal heterossexual – um homem, uma mulher e seus filhos, adotados ou não. Deve-se lembrar de que, a pesquisa, enfatiza famílias com filhos, não somente a união de pessoas por meio do casamento ou união estável.

De acordo com Scott (2007, p.39):

> A família mudou e continua mudando. Como instituição histórica ela se reinventa, embora permaneça como referência afetiva e de socialização. Hoje, uniões e vínculos familiares levam em consideração, sobretudo, relações afetivas.

A separação de um casal não significa que uma das partes não possa ter um novo(a) companheiro(a). Este companheiro é chamado de padrasto no caso masculino e madrasta no caso feminino. São construídas então as chamadas **famílias mistas**, que Belsky (2010, p. 234) define como aquelas "nas quais os pais se casaram novamente e os filhos crescem com padrastos/madrastas e muitas vezes meio-irmãos". Durante o decorrer da educação de seus enteados (filhos do companheiro), esses parceiros – madrasta ou padrasto – podem influenciar suprindo ou não a ausência do pai ou da mãe. Todavia, há a possibilidade de a criança não aceitar a "substituição" de seu genitor, tornando a relação mais complicada.

A discussão acerca da conceituação de família é extremamente presente nos dias atuais, posto que novos tipos de família surgiram com o passar do tempo. A família, segundo Sérgio Batista e Marcellino de França (2007, p.117):

> [...] vem apresentando mudança em sua estrutura organizacional. Hoje, é comum observarmos famílias geridas somente por mães ou pais oriundos de casamentos desfeitos e outras capitaneadas por pais ou mães solteiros, homossexuais, etc. Enfim, há uma multiplicidade de estruturas familiares, um reflexo da sociedade flexível que tenta adequar-se ao ritmo acelerado das mudanças sociais.

De acordo com Dias (1992) a família brasileira começou a sofrer alterações a partir do século XIX, com a Revolução Industrial, pois nesse momento o modelo de família patriarcal era dominante. Neste modelo patriarcal, a mulher deveria ser submissa aos homens considerados então, chefes de família. As mulheres ocupavam, dessa maneira e de acordo com Scott (2012) pouco, ou até nenhum, espaço quando o assunto era as suas opiniões. O que se tornava válido era o ponto de vista masculino, considerado superior. Este modelo então se instalou no Brasil e também foi alterado com o passar do tempo, dado que a sociedade passou a ser pensada mais economicamente, modificando as instituições familiares, tendo em vista que as mulheres, crianças e adolescentes começaram a trabalhar, diminuindo então o convívio entre as pessoas e aumentando a responsabilidade dos pais, quanto a educar e dar afeto.

O papel da mulher no Brasil alterou-se durante o decorrer dos tempos. Na antiguidade, a mulher deveria ser totalmente submissa aos homens e deveria cuidar do lar e de seus filhos. Atualmente, vive-se num momento em que as mulheres estão em um processo de empoderamento, iniciando e construindo em seus pensamentos sua própria valorização, transpondo, por conseguinte, esses valores. Hoje, muitas mulheres sentem-se livres para decidirem o que quiserem para suas vidas, não se limitando aos rótulos impostos pela sociedade.

A figura masculina nas famílias assumia a função de prover financeiramente seu grupo familiar, logo, costumavam trabalhar para alcançar esse objetivo. No cotidiano atual, este papel é realizado tanto pelo homem como pela mulher. No entanto, observa-se semelhança em casais separados, em que o pai é obrigado a pagar pensão alimentícia perante a Lei nº 5.478/68 (BRASIL, 1968) e acaba se esquecendo das relações afetivas que seu(s) filho(s) necessita(m) e se tornam ausentes. Com base em Graça (2014, p. 31, tradução nossa), a expressão “pai ausente” faz referência aos pais que “têm pouco contato com os filhos ou deixam de

estar com eles por razões pessoais ou não. A ausência do pai na família afeta a comunidade, prejudicando os filhos". Apoiando-se em Chalita (2014, p. 97) em relação ao esquecimento da afetividade, ressalta-se que:

> Os filhos precisam sentir que são amados. E isso não é difícil, se existir amor. Há filhos que nascem do despreparo de casais que não sabem o que querem nem para onde vão. Nascem sem ser desejados. Simplesmente nascem. Fora os tantos casos em que a mulher sozinha tem de dar conta da educação do filho porque o homem se exime da responsabilidade dizendo que a criança não estava nos seus planos. Como se a mulher tivesse concebido sozinha o filho.

Analisando apenas uma dessas muitas definições de família, Szymanski (2011) transmite a ideia de que, para ser uma família, não é necessário que seja formado o modelo de pai, mãe e filho, ou seja, é preciso que se forme um grupo que decida ter um relacionamento diário e permanente, independente de questões biológicas, mas que predomine a ideia de que os indivíduos mais velhos desse grupo tenham cautela com as crianças envolvida nesta família. Esse é um conceito mais atual, dado que antigamente havia um olhar de relevância relacionado ao casamento e a herança biológica.

> [...] a família se estabelece a partir da decisão de algumas pessoas conviverem, assumindo o compromisso de uma ligação duradoura entre si, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças que aparecem nesse contexto. (SZYMANSKI, 2011, p. 50).

No passado, a família continha a definição de modelo nuclear conjugal, também denominada família restringida (GALLART; GOÑI; MESTRES; SALVADOR; 1999). De acordo com Gimeno *apud* Graça (2014, p. 29) "família nuclear é um termo que estabelece limites mais apertados e definidos, onde se incluem pais e filhos, que convivem no lar familiar sem outros parentes". De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2006, p. 247):

> Este modelo de estrutura familiar era considerado ideal pelo modo dominante de pensar na sociedade e, por isso, bastante usado para classificar todos os outros modelos de organização familiar como desestruturados, desorganizados e problemáticos.

Conforme o artigo 2º do Projeto de Lei nº 6583/13 (BRASIL, 2013), é esse modelo nuclear relacionado aos pais como homem e mulher que predomina atualmente no Brasil sobre a definição de família. Cria-se, desse modo, uma discussão, já que outras variedades de família ficaram privadas da proteção do Estado, não sendo esse o caso da família monoparental, todavia, é o caso da família homoafetiva. Esse argumento legal pode ter criado questionamento para que os indivíduos privados do artigo refletissem acerca da seguinte questão: “Quer dizer, então, que não tenho família? Ou seja, minha família não é reconhecida aos olhos da Lei? ”. Assim, o Art. 2º do citado Projeto de Lei destaca que:

> Art. 2º Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre **um homem e uma mulher**, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Os filhos de mãe solteira, por muitas vezes, questionam a si mesmos e a sua mãe sobre a ausência de seu pai. Neste sentido, faz-se necessário concordar com Chalita (2014, p. 97) quando afirma que “[...] um filho de pai vivo, ausente por opção, sofre pelo abandono do desamor”. Entretanto, isso não significa que a mãe deva formar uma imagem negativa do pai desta criança, criando alternativas – em amor – para superar os dramas em família. Chalita (2014) acredita que as crianças precisam sentir este amor da parte de quem é responsável por eles.

O artigo 226 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) reconhece que a família é a base da sociedade. Assim, Batista e França (2007, p. 117) relatam que “[...] a família é o primeiro grupo social no qual somos recebidos. É por meio da família que, num primeiro momento, temos acesso ao mundo”. Sendo entendida como base, a família é a sustentação de muitos indivíduos, e tem a missão de educar sujeitos para que um dia sejam indivíduos socializados capazes de exercer a cidadania. (SZYMANSKI, 2011).

Pode-se, desse modo, afirmar que não há uma definição única de família, na forma de um modelo de **família ideal**. “O que é ideal para um grupo de pessoas pode passar muito longe do que é ideal para outro”, adverte Szymanski (2011, p. 85). O momento histórico, a contextualização, a condição econômica, enfim, todas estas características influenciam diretamente no modo de educar de cada família.

Racine (2006, p. 77) retoma essa questão sobre a família ideal e dá uma definição perante seu ponto de vista: “Com o que se parece a família ideal? Certamente é um espaço da vida da criança que implica muito amor”. Cada indivíduo é subjetivo, do mesmo modo é a entidade familiar, há culturas e valores que serão transmitidos diferentemente. Para Dias (1992, p. 58) “o importante nisso tudo, é não esquecer que a família é uma organização mutável ao longo dos tempos e que acaba ocupando o lugar que os padrões culturais de uma determinada sociedade lhe indicam”.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2006, p. 249):

> A função social atribuída a família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes hegemônicos de valores e de condutas.

Por mais que se crie muita expectativa sobre as famílias, não se deve esperar que ela seja perfeita, pois aos olhos de Chalita (2014, p. 106) “são imperfeitas todas as famílias, porque são imperfeitos todos os seres humanos”. Não há como pensar que todas as famílias devem agir da mesma maneira, porque não há regras para construir uma **família perfeita**.

É inegável que a sociedade atual encontra-se constantemente cercada por diversidade. Por mais que se tente camuflar famílias fora do modelo nuclear conjugal, fora do padrão de “família tradicional brasileira”, elas existirão. Existirão indivíduos que são criados pelos avós, pela mãe solteira, pelo pai solteiro, e existirão ainda, indivíduos órfãos e abandonados que serão adotados, talvez até mesmo por casais homoafetivos, formados por dois homens ou por duas mulheres, assim como sujeitos que são criados por suas tias ou tios. O importante é que, independente do modelo **padrão**, os indivíduos se sintam confortáveis no que considerarem como a sua família. A família, para Szymanski (2011) além de transmitir cultura, é uma instituição na qual os indivíduos se sentem bem, ainda que não seja de acordo com o modelo vigente.

2.2. Família e Educação

Brandão (2004) afirma que assim como a família, é extremamente difícil definir um modelo universal de educação. O que pode ser melhor para uma sociedade, pode ser ruim para outra, se observados diferentes pontos de vista. A educação é um processo que envolve diretamente o ambiente externo e não acontece somente na escola, pois não é uma prática exercida apenas por professores, mas diariamente pela família e por outros atores sociais.

Para Brandão (2004, p. 32) a família é “a rede de trocas de saberes mais universal e mais persistente na sociedade humana”. A instituição familiar, há séculos, tem a missão de educar e essa missão perdura até o presente momento, independentemente da maneira como é composta esta família. Este caráter educativo de acordo com Szymanski (2011, p. 18):

> [...] expressa-se tanto na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos e em procedimentos que garantam sua aquisição e fixação, como também na constante avaliação dos membros receptores (filhos) quanto ao grau de assimilação do que lhes foi transmitido.

É na família que ocorrem os primeiros processos de desenvolvimento das crianças, com os pais assumindo o papel de educadores e cuidadores (GALLART; GOÑI; MESTRES; SALVADOR; 1999).

A instituição família e a instituição **escola**, de acordo com Szymanski (2011, p. 98), possuem uma forte característica semelhante que é “o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social”. O que se nota de particularidades é que, na família, há valores sociais e culturais extremamente fortes, lembrando que se trata de família contemporânea. Logo, esta educação tem variações de família para família, embora, em geral, a família não tenha a obrigação de ensinar conhecimentos científicos, algo que está diretamente ligado à instituição escolar. Outra diferença é que, a família, diferentemente da escola, sempre existiu, pois “[...] é uma criação social do homem” (BOCK; FURTADO e TEIXEIRA, 2006, p. 261). Para Brandão (2004, p. 13) a educação existe:

> [...] onde não há escola e por toda parte podem haver redes de estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado.

O mundo externo, político e sua influência decide o perfil de sociedade que almeja, e é, muitas vezes, através da **educação** que essa influência é representada. Segundo Brandão (2004, p. 34) a educação interfere na criação de uma sociedade pois:

> Onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los todos sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas ideias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros, como escravos.

Ainda sobre o papel da escola como criadora e transformadora da sociedade, baseia-se no pensamento de Bock, Furtado e Teixeira (2006) que a escola é parte da sociedade e trabalha para ela. Desse modo, forma os sujeitos que farão a manutenção da sociedade, capacitando às crianças para viverem no mundo adulto.

Sobre a atualidade e diversidade nas escolas, Bock, Furtado e Teixeira (2006) recordam que as crianças chegam à escola com experiências distintas, adquiridas no decorrer de suas vidas, ou seja, não chegam iguais umas às outras. Sendo assim, o processo de aprendizagem e adaptação escolar de cada uma tende também a ser diferente, tendo a escola o papel de trabalhar essas diferenças, de modo a evitar conflitos. “Ignorar as diferenças é trabalhar para aprofundá-las” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2006, p. 261). Para González Rey (2008, p. 141) “[...] o desafio da escola sempre será o de transitar entre a igualdade e a diferença, entre aquilo que precisa e deve ser igual para todos e entre aquilo que só pode ser visto sob o prisma da diversidade”.

A realidade deveria ser frequentemente trabalhada na escola, pois os seres humanos vivem em um mundo onde suas características são observadas diariamente, refletidas e analisadas por estudantes. Desse modo, é relevante dialogar sobre o que acontece cotidianamente na vida destes estudantes. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2006, p. 269) “[...] é preciso falar da vida cotidiana, pois o

conhecimento aprendido deve ampliar o conhecimento que temos do mundo e, consequentemente, contribuir para torná-lo um lugar cada vez melhor para se viver". A escola e a família são agentes fundamentais na criação e educação das crianças, possuindo um papel importante em relação a transmitir seus valores morais e o dever de educar para a cidadania e vida pública. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2006).

Assim, a escola é fundamental na construção do processo de valorização da diferença, pois com ela "[...] podemos aprender que nem todas as pessoas pensam e agem da mesma forma e que essa diferença no modo de pensar e agir deve ser valorizada por todos nós" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2006, p.270). Entende-se, dessa maneira, que a escola, quando relacionada aos novos tipos de instituições familiares, pode desenvolver uma proposta pedagógica capaz de valorizar as diferenças abrangendo e criando debates e discussões sobre os pensamentos dos estudantes acerca desse assunto, procurando encaminhá-los a serem cidadãos que respeitam ao invés de criar sujeitos preconceituosos ou que não enxergam a realidade.

2.3. Educação e Valores

Boechat (2002, p. 72) afirma que a educação por ser a "força mágica que ajuda a gravar nas emoções do ser humano os valores que vão nortear sua vida, é uma semente que floresce e dá muitos frutos". Sabe-se que, na contemporaneidade, o papel de educar construindo valores é realizado tanto pela educação formal, aquela que acontece na escola, e tanto pela educação informal, a que se vive no dia-a-dia construída pela família e pelas relações entre os sujeitos. Para Well (1998) muitas pessoas encarregam a escola de formar, não só os saberes intelectuais, mas de formar o caráter dos sujeitos. Este pensamento acaba por culpar a escola, caso não consiga formar o caráter desejado pela sociedade e pelos próprios pais do sujeito. Trata-se de uma educação moral, ou seja, um processo de construção, que segundo Arantes, Araújo e Puig, (2007, p.10), "[...] visa formar sujeitos que pensem, julguem, criem, critiquem, elaborem, reconheçam, decidam por si mesmos".

Esses valores, assim como a cultura e a educação, são mutáveis de acordo com a sociedade em que estão inseridos, uma vez que são construídos de forma

subjetiva sob diversas orientações, tais como: religiosa, política, visões de mundos, autoridades etc. Ainda conforme Arantes, Araújo e Puig, (2007), até convivendo em um mesmo ambiente, esses sujeitos podem construir valores diferentes, dependendo de suas ações. Um ótimo exemplo disso são os sujeitos gêmeos, que apesar de serem criados no mesmo ambiente com experiências semelhantes, cada um deles pode construir sua própria visão de mundo e, consequentemente, seus valores podem ser semelhantes ou não. Destarte, para estes autores (ARANTES, ARAUJO e PUIG, 2007, p. 70-71), é fundamental pensar uma educação capaz de levar o sujeito a colocar-se no lugar do outro para:

> [...] compreendê-lo a partir de dentro. A capacidade de experimentar em si mesmo os sentimentos do outro distinguindo-os dos próprios, e conhecer as razões e os valores alheios sem confundir-se com eles é um dos núcleos básicos da aprendizagem da convivência.

Para tanto, é desejável um mundo sem preconceito e capaz de entender a importância da alteridade e da empatia, no qual os sujeitos sejam capazes de se colocar no lugar do outro.

2.4. Educação e Cultura

Sabe-se no cotidiano, que a cultura não é definida por condições biológicas ou hereditárias, algo que era pensado antigamente, por meio de determinismos biológicos e geográficos. Uma atividade que geralmente um homem pode desempenhar em uma cultura pode, em outra, ser desempenhada por uma mulher. Neste sentido, os indivíduos agem de forma diferente conforme a educação que lhes é dada, assim como a influência do meio ambiente não determina a ação e a cultura que será criada pelos indivíduos que ali se encontram. (LARAIA, 2007)

Segundo Laraia (2007, p. 44), os homens se diferem dos animais por serem os únicos que possuem cultura e essa não existiria caso não houvesse comunicação, algo que foi construído pelas necessidades dos indivíduos, pois o “[...] homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”. Contudo, a educação e a cultura são duas variáveis que estão sempre relacionadas, visto que em cada

lugar há costumes, culturas diferentes, que foram acumuladas pela experiência de gerações, formando a educação destinada às crianças.

Portanto, neste capítulo destacaram-se as principais categorias teóricas deste estudo. O propósito foi delimitar o entendimento de tais categorias, para, no capítulo das análises, compreender os sentidos gerados pelos dados e assim alcançar a síntese do referido estudo.

3. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, neste estudo adotou-se como metodologia a pesquisa exploratória que, conforme Gonsalves (2005, p. 65), “se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”.

Assim sendo, o tipo de procedimento metodológico utilizado foi o estudo de caso, que tem o ”objetivo de aprofundar a descrição de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.110), no caso, a família monoparental feminina, no intuito de analisar e explorar um caso particular contextualizado e significativo – a família monoparental feminina e a escola.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista (Apêndice A) que “[...] é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação” (GIL, 1989, p. 113). Sendo também uma entrevista estruturada que, segundo Gil (1989) é organizada por uma série de perguntas orais que permanecem invariáveis entre os pesquisados, dois professores e o(a) diretor(a) da escola participante da pesquisa. As entrevistadas são sujeitos ativos e experientes no cotidiano escolar das famílias monoparentais femininas. As entrevistas foram feitas separadamente e para início de conversa, foi solicitado para as entrevistadas configurarem, diante das suas experiências como docentes, a família contemporânea.

Também foi aplicado um questionário (Apêndice B) que de acordo com Gil (1989) é uma técnica composta de uma ou mais questões apresentadas por escrito buscando as opiniões e sentimentos de filhos oriundos de famílias uniparentais femininas. O único critério obrigatório para responder o questionário foi ser filho de família de mãe solteira.

Este questionário foi estruturado por seis perguntas obrigatórias, três delas com respostas abertas e três mistas. As perguntas mistas são: idade, gênero e nível de formação. Tornaram-se mistas, pois entre as opções de respostas, há a opção **outro,** no qual o respondente poderia acrescentar alguma resposta que não estava descrita.

As perguntas abertas trataram de:

- Como sujeito da contemporaneidade, configure o termo "Família;
- A família influencia ou influenciou em sua formação escolar? Como e em que momento?
- O que representa a figura paterna em sua educação?

Sendo assim, as perguntas foram elaboradas para cumprir o objetivo específico da pesquisa que visou conhecer o olhar acerca da figura paterna para os filhos de famílias monoparentais femininas.

Vale salientar que, o questionário foi aplicado por meio da plataforma ***Google Forms*** e divulgado pelas redes sociais atingindo o número de 50 respostas, volume suficiente para não tornar a análise de dados exaustiva.

A análise do questionário dispõe de caráter quali-quantitativo, pois há perguntas que necessitam de serem quantificadas, como: idade, gênero e nível de formação. Todavia, tanto para o questionário (questões abertas), quanto para a entrevista, foi utilizada a análise do discurso no intuito de responder o objetivo geral.

As entrevistas foram realizadas no dia 06 de junho de 2017 e participaram três pessoas do sexo feminino com faixa etária entre 43 a 47 anos, que residem em Sobradinho - Distrito Federal. Fantasiou-se os nomes dos pesquisados para preservar suas identidades, denominando-as de Vanessa (diretora da escola), Andressa e Júlia (ambas professoras).

A escola investigada é uma instituição pública e atualmente acolhe crianças de Sobradinho e arredores, sendo que a maioria delas chega à escola por meio do transporte escolar do governo. Por motivos éticos, optou-se por não identificar o nome da escola.

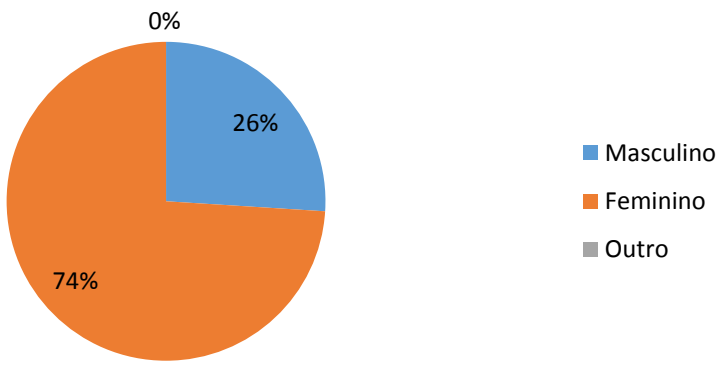
4. ANÁLISE DOS DADOS

Com a finalidade de responder os seguintes objetivos específicos da pesquisa que originou este TCC: analisar a maneira que a escola lida com os novos tipos de família e conhecer o olhar acerca da figura paterna para os filhos de famílias monoparentais femininas, este capítulo apresenta uma síntese da geração dos dados compreendidos à luz do referencial teórico e da reflexão globalizante do tema/problema de pesquisa. O resultado deste movimento oportunizará responder o objetivo geral da pesquisa – compreender a relação escola e família monoparental feminina e sua participação no cotidiano da escola.

4.1. Os sujeitos da pesquisa

Os respondentes dos questionários foram encontrados nas Redes Sociais. Todavia eles precisavam ler o enunciado e compreender que a condição para participação do questionário era de que deveriam ser filhos de família monoparental feminina, para em seguida, respondê-lo, não necessitando de identificação. Havia a seguinte mensagem ao abrir o questionário: “Este questionário faz parte de uma pesquisa realizada para um trabalho de iniciação científica - PIBIC, se você foi criado por família de mãe solteira, suas respostas são fundamentais para contribuição e sucesso desse trabalho. Agradeço imensamente por sua colaboração”.

Tabela 1. Gênero dos filhos (respondentes do questionário) de famílias monoparentais femininas.

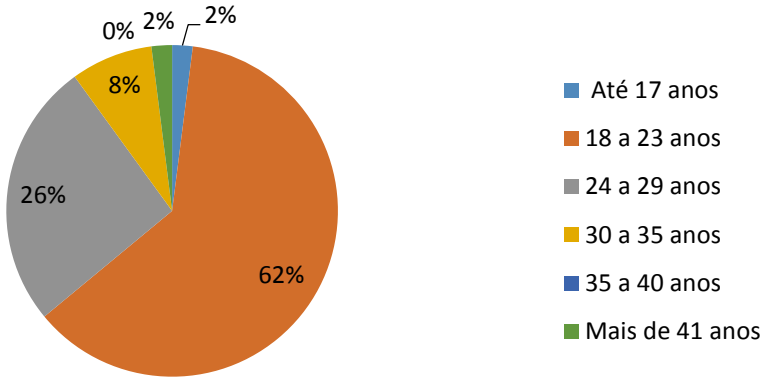


FONTE: Da autora.

Deste modo, cinquenta pessoas responderam ao questionário sendo 74% do gênero feminino e 26% masculino (Figura 2). Todos afirmaram ser filhos de família monoparental feminina.

Estes sujeitos possuem, em sua maioria, idade entre 18 a 23 anos (62%). Apenas 2% possuem menos de 18 anos e o grupo mais velho possui entre 30 a 35 anos de idade (8%), 26% estão na faixa etária de 24 a 29 anos e somente um respondente possui mais de 41 anos, conforme a Tabela 2.

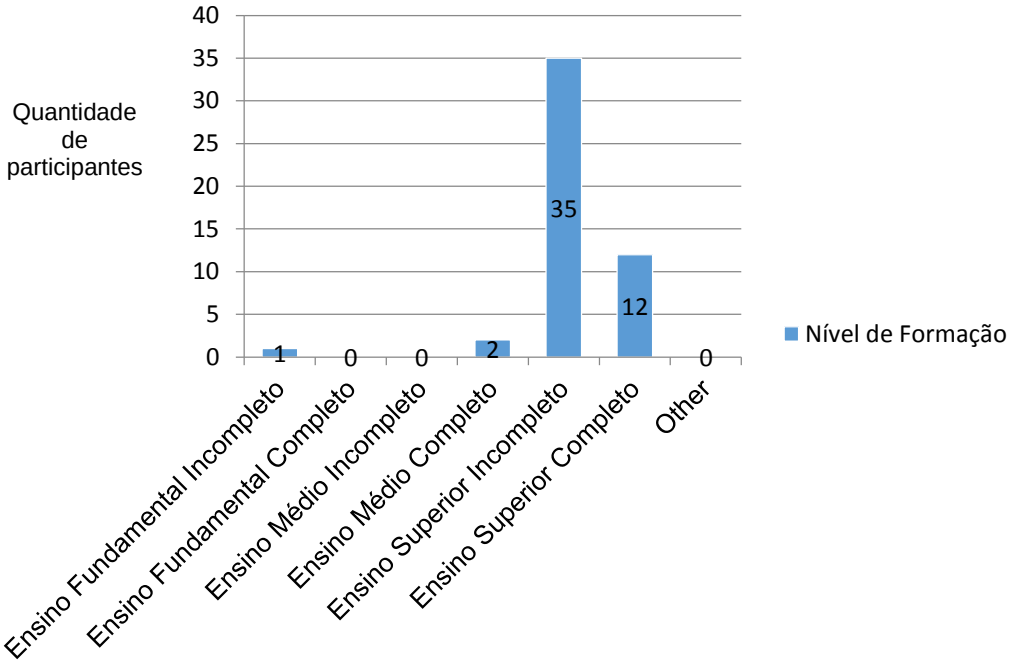
Tabela 2. Idade dos filhos (respondentes do questionário) de famílias monoparentais femininas.



FONTE: Da autora.

A maioria desses respondentes (70%) possuem o Ensino Superior incompleto, enquanto 24% dos participantes concluíram o Ensino Superior. A outra parte dos respondentes (4%) afirma possuir Ensino Médio completo e 2% possuem Ensino Fundamental incompleto (Tabela 2).

Tabela 3. Nível de formação (respondentes do questionário) de famílias monoparentais femininas.



FONTE: Da autora.

4.2. Conceito de família

Quanto ao conceito de família, a grande maioria (76%) relacionou a instituição familiar às categorias amor, cuidado e afetividade, além dos laços de consanguinidade. Pode-se constatar que o conceito de família vem, de fato, sofrendo mudanças. Dois participantes apresentaram respostas diferentes, como é possível observar:

> [...] pessoas que vivem no mesmo teto e pessoas que são do mesmo sangue (Participante 44);
>
> [...] pais e filhos (Participante 46).

Os sujeitos 44 e 46 são exemplos das 12% de pessoas participantes que compreendem a família como um grupo de seres do convívio, não relacionando a família a concepções de afetividade. Contrariando esta evidência, Scott (2013, p. 39) afirma que “[...] hoje, uniões e vínculos familiares levam em consideração, sobretudo, relações afetivas”. Foi encontrado em outro discurso um forte sinal de amor e afetividade:

> Família é um conjunto de amor. Não de sangue, não de laços pré-estabelecidos, mas puro amor. Família é escolha. É o amigo que te apoia, seu bichinho de estimação (que pode ser mais presente que muito parente), sua mãe, seus tios, seus avós, mas também pode ser a babá que passou muito tempo contigo ou até mesmo aquela vizinha que te viu crescer e sempre deu uma mãozinha. Família são todas as pessoas (e seres) que participam (e participaram) da sua vida e contribuíram de forma positiva para você se tornar o que é hoje. E, acima de tudo, família é o que eu disser, não o que outros impõem como modelo exemplar (Participante 4).

Dentre as respostas, 88% dos sujeitos participantes do questionário são jovens e, constata-se, desse modo, que atualmente eles demonstram uma visão mais abrangente acerca do conceito de família. Compreende-se que, o modo como estes sujeitos foram educados e o momento histórico em que vivem afetam suas concepções de mundo.

É perceptível que os conceitos acerca do que é a instituição família sofreram alterações, dado que em grande parte das respostas os conceitos mais citados foram relacionados aos laços de afetividade. Nesse caso, concorda-se com Scott (2013, p.39) ao mencionar que “a família mudou e continua mudando. Como instituição histórica ela se reinventa, embora permaneça como referência afetiva e de socialização”.

Pode-se constatar a complexidade do conceito de família e a profundidade desta relação, tendo em vista que os laços de afetividade prevalecem sobre os de consanguinidade. Neste sentido, o modelo convencional de família parece se distanciar das necessidades que a contemporaneidade apresenta.

4.3. Influência familiar

Em relação à influência da família na formação escolar dos participantes, apenas dois deles afirmaram que não houve influência. Nesse sentido, concorda-se com Kortmann (2015, p.103) quando afirma que “[...] a mediação de um adulto pode auxiliar ou não no desenvolvimento dos sujeitos infantis”. Apesar de concordar com este discurso, também é possível entender que no caso da escola, os professores têm o dever de auxiliar no desenvolvimento das crianças. Se os(as) pedagogos(as)

não contribuírem para a formação da criança, seu papel não está sendo cumprido. Os demais 48 participantes afirmaram que a família influenciou em sua formação escolar, oferecendo incentivo e apoio. Somente duas dentre as 48 pessoas afirmaram que esta influência os afetou negativamente. Dentre as cinquenta respostas obtidas, em doze (24%), a mãe foi citada como incentivo na criação destes sujeitos, demonstrando a importância da figura materna na educação dos mesmos.

> [...] a participação da minha mãe ao longo da minha formação escolar foi fundamental para que eu obtivesse sucesso. Incentivando a estudar, dando apoio em trabalhos escolares, auxiliando em duvidas escolares, etc. (Participante 28);
>
> [...] minha mãe foi a maior ajuda que eu tive. (Participante 48).

Well (1998, p.135) reconhece que hoje, para a "educação da criança, sobretudo no que se refere aos seus aspectos afetivos, a família é indispensável", ou seja, a família tem um papel significativo no apoio e incentivo para as crianças, não somente na escola, mas também na educação informal como pôde ser observado em algumas respostas dos pesquisados:

> [...] Em todos os momentos em que foi necessário um auxílio, tanto material como moral. (Participante 31);
>
> [...] Motivação nos momentos de dificuldades (Participante 36);
>
> [...] Minha mãe sempre me incentivou a estudar e meus irmãos foram meu espelho. (Participante 39).
>
> [...] Com incentivos para uma melhor qualidade de vida. (Participante 45).

4.4. A figura paterna

Quando se trata da representação da figura paterna em filhos oriundos de família de mãe solteira, a resposta pode ser preocupante. De 50 respostas, 20 participantes (40%) afirmaram não representar **nada**. A grande maioria afirmou ser "pouca", "indiferente", representar "ausência", e em 7 casos a figura paterna é representada pela própria mãe. O participante 37 afirmou ser *"alguém que não recebeu os cartões de dia dos pais que fazíamos na escola".* O que rebate a

discussão sobre a importância ou não de se ter o dia da família e não mais o dia das mães/pais. Segundo Graça (2014, p. 32):

> A ausência do pai pode ser encarada de forma negativa pelos filhos quando comparam a realidade que vive com a das famílias nucleares. A ausência do pai reforça a presença da mulher na esfera educacional. Hoje em dia, há um número cada vez maior das famílias monoparentais em que a mulher é a chefe. É ela quem procura o sustento da família e garante a sobrevivência dos filhos, porque vive separada do homem. Desta forma, a mulher ocupa o lugar central na responsabilidade dos filhos.

Nesse caso, “chefe” não tem o sentido de pessoa autoritária, que detém o poder, se trata da pessoa que é responsável pelo funcionamento do grupo, que orienta os filhos. Cabe ressaltar que esse fato não se dá somente porque a mulher “vive separada do homem” (GRAÇA, 2017, p. 32). Dá-se justamente devido a mulher não precisar do homem para se sustentar, pois o gênero masculino não pode ser considerado a única fonte de sustento para uma família, se trata de uma questão que não depende de gênero. Além disso, o fato da mulher ser a responsável pela família não descarta a possibilidade de haver relações afetivas com seus filhos.

Em relação à figura paterna, pode-se novamente perceber nesses casos, a relevância da adoção ao “dia da família”, visto que, para estes sujeitos, o dia dos pais na escola talvez não fizesse sentido. Como pode ser visto na resposta do participante 10:

> Nos primeiros anos de formação, sentia-me excluído de diversas atividades, principalmente quando chegava a época de dia dos pais [...].

Faz-se necessário um olhar da comunidade escolar para o contexto de seus alunos, tornando a relação mais harmoniosa. “No mais simples nível, lar e escola estão vinculados pelos encontros que os membros da família têm com a equipe da escola” (CONELL, R.W; ASHENDEN, D.J; KESSLER, S; DOWSETT, G.W, 2005, p. 46).

Sobre a discussão acerca do vazio formativo que a figura paterna poderia ou não construir nos sujeitos, concorda-se com a participante 28 quando declara que:

> Não conheço meu pai, então fui criada sem a presença e influência paterna na minha educação. A diversidade sempre contribui para a formação das pessoas. Certamente seria uma pessoa diferente caso houvesse a influência paterna na minha educação. Porém, não acredito que seria uma pessoa melhor, apenas diferente.

Vale destacar que, dos cinquenta contribuintes, somente seis trouxeram vivências diferentes dos demais. Os participantes afirmaram que a figura paterna, para eles, foi "presente", "influência", e "incentivo*",* tornaram-se então, minoria. Pode-se pensar que nesses casos, os pais construíram em sua educação, valores distintos dos pais daqueles outros 44 contribuintes ao questionário. Todavia tratou-se de um fenômeno pouco observado na aplicação deste questionário, valendo a discussão acerca do papel que é "imposto" à figura paterna, dado que a maioria dos sujeitos não possui uma relação saudável com seu genitor. Assim como a mãe detém responsabilidade com o cuidado de seus filhos, o pai também deveria apresentar esse compromisso, especialmente nos processos educativos que auxiliam na formação humana de seus filhos.

4.5. Olhar da escola sobre a família

A diretora da escola, Vanessa, conta que antigamente a família era mais presente, pois as mães ficavam em casa com os filhos. Entretanto, hoje as mães são mais ausentes, tendo em vista que essas possuem a necessidade de trabalhar para ajudar a suprir as necessidades da família. Vanessa conta que "*família é o conjunto: mãe, pai e filhos"* que convivem no mesmo lar. Para Andressa, a família não segue mais os padrões tradicionais e segundo seu ponto de vista, está desestruturada, pois a mãe quem sustenta a família e o pai não é muito presente. Por conseguinte, os alunos não têm muitos valores ou seguem regras, e vão para escola buscando esses valores que, no pensamento de Andressa, deveriam ser expressos pelos familiares. No entanto, para Júlia, observa-se maior presença da mãe, enquanto o pai não é mais tão presente.

É importante problematizar a fala de Andressa ao dizer que a família está "desestruturada por não possuir o pai presente". Há casos de famílias em que o pai está presente e apesar disso, ainda é uma família desestruturada. Nesse caso, há

uma série de valores subjetivos dos sujeitos que tornam uma família como ela é. Ou seja, não significa que uma família monoparental feminina seja desestruturada por não possuir a figura paterna em sua configuração.

Diante do exposto, pode-se compreender que, para as professoras, a figura da mãe e do pai na família é fundamental para a educação dos filhos, mesmo o pai não estando presente. A partir da fala de Andressa e de Vanessa ao dizer que a família “coloca os meninos aqui, e a escola se vira”, torna-se possível identificar que a família entrega o papel de educar valores para a escola e a escola transfere de volta esse papel para a família, que, em sua maioria, não tem tempo para educar os filhos, entregando-os no único lugar em que podem confiar: a escola.

Desse modo, a transferência da educação familiar para a escola não se resolve e se acumula, faltando estrutura por parte da escola para entender os problemas da família da contemporaneidade, visto que os estudantes que mais precisam dos valores e não os recebem em casa ou na escola, continuam com problemas. É necessário que haja parceria entre a família e escola.

As entrevistadas não citaram a família como aquela que proporciona e consolida as relações afetivas. O discurso mais aproximado foi o de Vanessa quando afirma que são pessoas “que convivem no mesmo lar”. Mas, como todos convivendo no mesmo lar podem se considerar família? Trata-se de uma questão subjetiva e de escolha, pois cada um decide e considera quem faz parte de sua família.

A escola atende, segundo Vanessa, em média mil estudantes, e em relação às salas esse número varia por ser uma escola inclusiva. A sala de Andressa acolhe dezesseis crianças, dentre elas um com deficiência auditiva e um com TDAH – Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Júlia atende 22 alunos, sendo dois deles com TDAH.

No que diz respeito às configurações familiares presentes no cotidiano da escola, Vanessa diz que existem famílias tradicionais, casais de duas mães, mães solteiras, pais solteiros, crianças criadas pelos avós, quase todo tipo de família. Só não existe “*pai com pai”.* Na sala de Andressa existem famílias tradicionais e famílias governadas somente pela mãe. Quando se trata da sala de aula de Júlia, existem famílias tradicionais, monoparental feminina, de pais separados e também

monoparental masculina. Vanessa relata que o tipo familiar mais presente no cotidiano escolar é o da família monoparental feminina. Andressa concorda que em sua sala também prevalece essa configuração familiar. Somente na sala de Júlia o modelo predominante é o de mãe, pai e filho, a família tradicional nuclear. Diante das respostas, percebe-se que a escola abrange diversos tipos de família. Portanto, é impossível negar a diversidade existente e notar que os conceitos de família estão mudando, tendo a escola o papel de compreender e contextualizar o ambiente em que estão situados para tornar o trabalho desenvolvido na escola mais significativo.

Quanto à assiduidade das crianças, Andressa, Júlia e Vanessa afirmam que essas, em sua maioria, são assíduas e quando faltam, geralmente, é por razão de greves no transporte escolar, que, segundo elas, são frequentes. Andressa, em particular, conta que algumas crianças faltam muito e que o corpo docente não tem ciência do porquê, e que em geral, não há justificativa plausível. Quando as crianças não comparecem de van, ônibus ou transporte escolar do governo, Vanessa e Júlia acreditam que a mãe é a figura que mais costuma levar as crianças à escola, contudo para Andressa, quando não há transporte, as crianças faltam à aula.

A Escola Classe X de Sobradinho, atualmente, não realiza celebrações para o dia dos pais ou das mães, em especial. A instituição celebra o Dia da Família, que segundo Vanessa, geralmente é realizado em agosto ou setembro. Esta mudança indica que a escola percebe que há novas e diversas configurações familiares, criando uma relação de respeito entre o corpo profissional da escola e sua comunidade. Com essa mudança, as crianças podem, também, se sentir mais confortáveis e não precisam passar por constrangimentos que podem ser causados pela celebração do dia dos pais, quando por exemplo, não possuem pai, ou são criados por um casal com duas pessoas do sexo feminino, ou até mesmo conhecem o pai, mas convivem em uma relação complicada.

De acordo com Júlia e Vanessa, a escola possui ações positivas de valorização aos diferentes tipos de família. As entrevistadas declaram que a escola destaca a importância da família em todos os seus tipos. Andressa afirma que a escola não realiza atividades voltadas para um tipo específico de família. Segundo Júlia “não há discriminação, hoje em dia a escola não separa mais a família ‘A’, ‘B’, da família ‘C’ e ‘D’, há um trabalho junto, conjunto de todos”. Em vista do relatado, percebe-se que Andressa não nega que há ações positivas, apenas esclarece que a

escola não foca em tipos específicos. É interessante que haja ações para formar nas crianças o respeito pelo outro e para que reconheçam a diversidade que está presente no próprio contexto.

4.6. Relacionamento escola-família

No tocante ao relacionamento das famílias com a escola, Vanessa e Andressa afirmam que essas são pouco presentes. Apenas Júlia afirma ter um relacionamento bom em sua turma, mas que mesmo assim, poderia ser melhor, abrangendo desde pais que vão à escola perguntar de assuntos não pedagógicos, à pais, que em sua maioria, estão preocupados com o pedagógico dos filhos. Em conformidade com Paixão (2012, p. 151) “a escola, em especial, trabalha com o suposto de que a eficiência de seu trabalho depende do apoio dos pais em casa” e perante as respostas das entrevistadas é perceptível que, assim como afirmado anteriormente, falta a parceria entre escola e família para que o trabalho realizado possa ser significativo no processo formativo das crianças. Vanessa, Andressa e Júlia acreditam que o sucesso escolar dos estudantes está completamente conectado ao relacionamento com suas famílias.

Nas reuniões escolares, Vanessa conta que as famílias não costumam se manifestar, todavia, nos momentos de festividades, as três entrevistadas afirmam que as famílias comparecem. Andressa comenta que “o momento de conhecermos pai e mãe, ou a família até de avós, tios é em festas” e “as vezes, a gente passa o ano todo e não conhece a família daquela criança”. Júlia afirma que nos momentos de festas, os responsáveis costumam perguntar sobre o pedagógico das crianças, o que, para ela, não é adequado. Nesses momentos, para Vanessa e Júlia, a mãe é a mais presente. Percebe-se diante do exposto, que essa é uma situação preocupante, pois as famílias estão disponíveis para festividades, mas não tanto para reuniões que buscam contribuir para o desenvolvimento das crianças.

A família, segundo as pedagogas, nem sempre aparece quando solicitada. De acordo com a diretora Vanessa e a professora Júlia, a justificativa usada pela família costuma ser “que estão trabalhando, que não tem tempo” (Vanessa). A professora Andressa concorda com Vanessa e ressalta que a escola possui uma declaração

para os responsáveis das crianças apresentarem em seus respectivos empregos. Entretanto, mesmo havendo ciência da declaração, os responsáveis em geral não comparecem. Outra justificativa que costumam dizer é sobre a falta de dinheiro para pagar o transporte até a escola. Júlia acredita que em sua turma, geralmente os pais comparecem quando solicitados. As três concordam que, se alguém comparece no momento solicitado, normalmente é a mãe.

Andressa e Vanessa acreditam que, em casa, as crianças são pouco acompanhadas pedagogicamente. Apenas Júlia acredita que, em sua turma, a maioria das crianças são acompanhadas, com poucas exceções, pois alguns pais trabalham fora e “deixam a cargo da escola”. É importante salientar que “trabalhar fora” é uma característica da família contemporânea, por ser uma necessidade que visa o sustento da família. Sabe-se que é essencial o apoio das famílias no caminho de aprendizagem das crianças, porém, a escola também deve tentar compreender o lado dos seus responsáveis.

No que se refere ao sucesso escolar das crianças e o relacionamento com a mãe, Vanessa conta que os alunos que mais trazem “problemas” são aqueles que não residem com a genitora. Para a professora, “ninguém substitui a mãe, então o carinho de mãe, o colo de mãe, a atenção de mãe, é totalmente diferenciado”. A partir de sua resposta, percebe-se que Vanessa tem uma visão de família tradicional, no qual o papel designado para a mãe não poderia ser realizado por outra pessoa, o que pode acarretar em problemas com estes alunos. Entretanto vale questionar: uma família que não tem a figura feminina, formada, por exemplo, por dois pais, ficará com um vazio formativo? Essa é uma pergunta que poderá ser respondida a partir de novas pesquisas com o decorrer do tempo, por se tratar de algo contemporâneo. No entanto, Andressa declara que sem a mãe, os filhos ficam desestruturados, se essa não dispuser interesse sobre a vida escolar da criança, a mesma também não apresentará interesse. Para esta professora, a mãe é a “âncora da família”. Segundo Júlia, “a mãe tem um papel primordial”.

Quanto ao acompanhamento pedagógico e o papel da mãe neste momento, Vanessa em sua posição de diretora da escola, acredita que conduzir a criança pedagogicamente deve ser papel da mãe, no sentido de “dar assistência ao filho, de ajudar nas tarefas de casa, de fazer o controle da agenda, até na questão do uniforme”. No entanto, a entrevistada afirma que não é essa realidade que é

presenciada, pois “infelizmente a maioria das crianças se viram por elas próprias, principalmente os maiores”. Nesse caso, é perceptível que as crianças do mundo contemporâneo, por questões de necessidade, estão se tornando mais autônomas para suprir suas carências quando os responsáveis não podem ou não os auxiliam. Andressa expõe que o papel da mãe nesse momento “deveria ser acompanhar, não no sentido de ensinar né? Porque esse é o papel da escola”. Perante sua fala, constata-se maior consciência em relação a delimitação dos papéis da família e da escola. Ainda assim, Andressa afirma que não é isso que acontece. A professora Júlia concorda com Andressa ao dizer que o papel da mãe seria “o de conduzir nas atividades, de saber o que está sendo trabalhado em sala de aula para ela poder, também, acompanhar esse filho em casa”.

Analisando as falas das entrevistadas, verifica-se que a mãe tem um papel extremamente importante na vida dos seus filhos. Uma vez que este trabalho analisa as relações da escola e da família monoparental feminina, é importante destacar que, para essas crianças, a mãe é a principal ou a única pessoa que os acompanha, tornando-se indispensável para contribuir no sucesso escolar dos seus filhos. Vale lembrar que, a mãe é responsável pelo seu filho, mas o progresso e aprendizagem da criança na escola não é um papel que cabe somente a mãe, mas também à escola e ao corpo docente. A mãe, nesse caso, surge com o papel de cooperação.

De acordo com as professoras, os alunos da escola pesquisada relatam a falta que sentem do pai. Andressa conta que esses momentos ocorrem principalmente em datas festivas como “dia dos pais”, apesar de não ser comemorado na escola. As pedagogas relatam que as crianças costumam dizer que “não conhecem o pai, que esse não participa, não os visitam, que eram para passar o final de semana com o pai e não passaram”. Nesse momento, a mãe ganha novamente extrema importância, por muitas vezes ter que desempenhar o “papel” que seria do pai, dando atenção e apoio aos filhos, tentando suprir a carência afetiva que estas crianças possuem pelas circunstâncias que a vida os trouxe.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O primeiro objetivo específico deste trabalho buscava delinear bases teóricas sobre o conceito de educação, escola, família e suas relações. A partir do que foi apresentado, nota-se que o objetivo foi alcançado. Foi possível perceber a existência de múltiplas concepções acerca de cada conceito que se buscava delinear. Em síntese, a educação é entendida como processo formal e informal, que acontece tanto na escola como em outros processos, por exemplo, na família, e, além de ministrar conteúdos, perpassa valores e difere de acordo com o contexto em que o ser humano está inserido. Em outras palavras, da mesma maneira que não se encontra um modelo de família perfeita, não é possível encontrar um modelo ideal de educação. Vale destacar que a educação formal pode ser a grande aliada na formação de indivíduos capazes de agir com alteridade, empatia e respeito, quando se objetiva uma sociedade melhor. No tocante à família, delineou-se nessa pesquisa a família tradicional, a família monoparental ou uniparental feminina/masculina, a família homoafetiva, famílias mistas e instituições familiares de laços afetivos.

Ressaltou-se, por meio das respostas dos pesquisados e de alguns autores, que a família composta por laços afetivos aparenta ser a que possui maior visibilidade na sociedade contemporânea. Desse modo, o modelo de família nuclear não é mais o padrão para os sujeitos que contribuíram com essa pesquisa, visto que as relações afetivas, muitas vezes, se sobrepõem aos laços sanguíneos.

Nas relações entre família e escola a pesquisa constatou que ambas possuem o dever de educar. Contudo, a escola detém a obrigação de formar nos alunos, conceitos científicos, enquanto a família não possui essa obrigação, pois é responsável por formar, principalmente, os valores, repassados por gerações, hábitos e costumes, torna-se assim, uma relação cultural.

Como segundo objetivo específico, buscou-se analisar como a escola lida com esses novos tipos de família que foram delineados. Com base nas entrevistas feitas com a diretora e as professoras de uma escola pública de Sobradinho, foi possível constatar que, muitas vezes, a escola ainda não está preparada para lidar com esses novos modelos de família - uma família não muito presente, que precisa trabalhar e que acaba não possuindo tempo para a educação de seus filhos - devolvendo o papel de educar somente à escola. Apesar deste tocante, é importante

salientar que a figura materna foi citada diversas vezes como um exemplo, o que acarreta um peso maior para as famílias monoparentais femininas, que é a grande maioria na escola em que ocorreu a pesquisa. A adoção do “Dia da Família” é um fator positivo que está ocorrendo nas escolas atualmente, cria-se dessa maneira, maior pluralidade e respeito à diferença.

Conhecer o olhar acerca da figura paterna para filhos oriundos de família uniparental feminina foi o terceiro objetivo específico da pesquisa. A partir das respostas ao questionário, verificou-se que esse olhar pode ser diferente dependendo da história de vida de cada sujeito, mas que, infelizmente, a maioria dos respondentes não possui uma relação agradável com seu pai. Estas respostas deram origem a novos questionamentos a respeito da responsabilidade do genitor na vida de seus filhos e ao papel que a sociedade impõe e, por muitas vezes, aceita que a figura paterna desempenhe. Pode-se compreender, por meio da fala de alguns pesquisados que viver sem a presença do pai não necessariamente é sinal de desequilíbrio de caráter, formando sujeitos incapazes de exercer suas atividades. Como a pesquisa trata da família monoparental feminina, é fundamental destacar que, ao se tratar de figura paterna, muitos respondentes relataram que essa figura era personificada pela própria mãe. Comprova-se, dessa maneira, que o papel designado ao “pai” pode ser desempenhado pela figura materna.

Com relação à análise da entrevista com as professoras e a diretora de uma escola pública de Sobradinho, conclui-se que, mesmo que a escola procure ajudar a formar a autonomia da criança, é a mãe o personagem mais amoroso que marca a formação dessas crianças. Pela mãe, as dificuldades da vida, como a ausência do pai, ficam mais leves e possíveis de serem transpostas. Portanto, a figura materna é um excelente exemplo pedagógico de formação do ser humano e a que contribui, segundo os fatos apresentados, com mais presteza com o trabalho pedagógico escolar. Por conseguinte, a família monoparental feminina, por possuir a mãe como responsável pela criança, possui maior participação em seu processo formativo, dado que, na escola campo de pesquisa, a composição que tem maior visibilidade foi a dessa delineação familiar.

Conforme os marcos teóricos, resultados e análises apresentadas, conclui-se que foi possível alcançar o objetivo geral de compreender a relação escola e família monoparental feminina e compreender sua participação no cotidiano da escola. Essa

relação se faz bastante presente no cotidiano escolar e pode-se perceber que as mães solteiras estão mais envolvidas no processo de aprendizagem das crianças do que o pai dessas, que apesar de não os criar, também deveria acompanhar este processo. Esta rede família-escola está envolvida em um movimento complexo e muito subjetivo, pois envolve uma série de fatores que, muitas vezes, devem ser resolvidos por meio do diálogo, o que pouco acontece, visto que poucas famílias comparecem a escola quando solicitadas. Portanto, ainda ocorrem adversidades, como em toda escola e em todo tipo de família, contudo, a figura materna é vista como primordial na formação das crianças, podendo desempenhar o papel que a sociedade determina, como o do pai. É essencial destacar que este trabalho não visa defender a família monoparental feminina como sendo melhor do que qualquer outra, todavia, visto que é uma família bastante presente, se fez necessário entender como esse movimento ocorre.

5.1. Perspectivas profissionais

É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. (2014, p.8).

Saint-Exupery – O pequeno príncipe

Perante todo o exposto, a partir da pesquisa e de novas descobertas adquiridas, posso dizer que percebi que eu me encontrei nesse mundo que já estava inserida. Concretizei pensamentos, e notei o quão importante é contextualizar o ambiente em tudo que formos fazer, para assim, praticar a empatia – a possibilidade de enxergar com o olhar do outro.

Identifiquei-me bastante com algumas das contribuições dos pesquisados me tornando mais ainda, parte dessa pesquisa. Senti que as angústias que eu sentia, foram vividas também por outras pessoas e acredito que os questionamentos que eu fiz, eles também fizeram, assim como os que criei. Espero que esse trabalho os ajude a entender que apesar das dificuldades que encontramos na vida, podemos crescer, e não ter o pai presente não nos faz inferiores. Espero também, que as mães solteiras, ao se depararem com essa pesquisa, entendam que são pessoas

fortes capazes de criar seus filhos com muito amor, e que conseguem desempenhar o “papel” que um pai deveria fazer, caso esse não seja presente.

Para os(as) pedagogos(as), desejo que possam compreender o quão importante é entender a realidade de nossas crianças pois, muitas vezes, nos deparamos mantendo práticas que os afetam negativamente para simplesmente, manter tradições. Da mesma forma, desejo que compreendamos que devemos respeitar a diversidade não sendo necessário concordar ou aceitar toda opinião alheia, mas somente respeitar para evitar discriminações. Sempre gosto de ressaltar aquelas antigas frases “se coloque no lugar do outro” e “não faça com os outros, o que não gostariam que fizessem a você”, pensamentos tão simples, mas que parece que as pessoas se esqueceram.

Além do mais, penso ser impossível educar crianças sem a inclusão de valores que visem educar nos sujeitos respeito e empatia, pois acredito que esses são necessários nessa etapa de formação como indivíduo, visto que estão iniciando processos de socialização e convivência com o outro, portanto, uma escola que só ministre conteúdos não está preocupada com o sujeito como ser subjetivo, que respira, que vive, que está em contato com outras pessoas constantemente e que precisa aprender a lidar com conflitos.

Para as mães, desejo que possam ter percebido a força que possuem e como são essenciais na formação de seus filhos. Quando falo de mãe solteira, enfatizo mais ainda esse processo, pois sei que, na maioria das vezes, vocês são o maior exemplo na vida de seus filhos. Espero que vocês tenham criado novos questionamentos acerca das “atribuições femininas”, pois precisamos discutir acerca dos “papeis” que a sociedade cria e impõe sobre nós.

Com base nas informações obtidas, criei novos questionamentos que acredito que possam se tornar pesquisas futuras que julgo importantes para o campo da pedagogia, psicologia e psicopedagogia escolar, tais como: a alienação parental, olhar do pai do filho que vive somente com a mãe, olhar da mãe acerca do que costuma ser observado nessas famílias etc. Qual o papel que a sociedade diz que uma “mãe” deve desempenhar, e o papel do “pai”?

Como educadora, quero poder encaminhar as crianças a se tornarem lindas borboletas. Posso ser utópica, mas prefiro acreditar em um mundo onde as pessoas

se respeitam, tornando esse espírito parte da minha prática pedagógica. Quero criar nos meus alunos vontade e interesse pelo que aprendem, levando para si o que acharem fundamental.

Assim como destaca Rubem Alves (1999, p.39), “é necessário passar por longas e silenciosas metamorfoses para se tornar uma borboleta”. Acredito que nesse momento estou prestes a me tornar uma borboleta pronta para voar e enfrentar os próximos desafios. A caminhada da vida nunca é feita somente de momentos bons, portanto, é necessário suportar momentos ruins para conseguir chegar a novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. São Paulo: Papirus, 1999.

ARANTES, Valéria A.; ARAÚJO, Ulisses Ferreira; PUIG, Josep Maria (orgs.). **Educação e valores:** Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.

BATISTA, Sergio Murilo; DE FRANÇA, Rodrigo Marcellino. Família de pessoas com deficiência: desafios e superação. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**. Blumenau, v. 3, n. 10, p. 117-121, jan/jun 2007.

BOCK, Ana Mêrces Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias:** Uma introdução ao estudo de psicologia. Editora Saraiva. São Paulo, 2006.

BOECHAT, Ivone. **Nós da educação.** Rio de Janeiro. Reproarte gráfica e editora. 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei nº **5.478** de 25 de julho de 1968.

CHALITA, Gabriel. **Famílias que educam:** Uma relação harmoniosa entre pais e filhos. São Paulo, 2014.

CONELL, R.W; ASHENDEN, D.J; KESSLER, S; DOWSETT, G.W. Trad: Ruy Dias Pereira. **Estabelecendo a diferença:** escolas, famílias e divisão social. Porto Alegre, editora Artes Medicas, 1995.

DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel; VIEIRA, Maria Manuel (org). **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte, editora UFMG, 2012.

DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em família**: relações de afeto e conflito. São Paulo, editora Moderna, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, editora Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas, São Paulo, editora Alinea. 2005

GRAÇA, Amélia Pina da. A Responsabilidade da Família na Educação dos Filhos; Estudo de Caso em Famílias Monoparentais. In: PORTELLA, Fabiani Ortiz; FRANCESCHINI, Ingrid Schöeder. **Família e aprendizagem:** uma relação necessária. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

KORTMANN, Gilca Lucena (org.). **A prática psicopedagógica:** processos e percursos do aprender. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

_____. Psicopedagogia: um entendimento sistêmico. In: PORTELLA, Fabiani Ortiz; FRANCESCHINI, Ingrid Schöeder. **Família e aprendizagem:** uma relação necessária. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro – 21ª ed, editora Zahar, 2007.

PAIXÃO, Léa Pinheiro. Sociologia da Educação e prática docente. In: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel; VIEIRA, Maria Manuel (org). **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

PERNAMBUCO. **Projeto de lei n. 6583**, de 16 de outubro de 2013. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Disponível em:<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>. Acesso em: 11 nov. 2015.

COLL, Cesar S. **Psicologia da Educação.** Lisboa: Gallart,1999.

SAINT-EXUPERY, A. **O pequeno príncipe.** 5 ed. São Paulo: Geração Editoria, 2014.

SCOTT, Ana Silvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In: BASSANEZI, Carla Pinsky; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p.15-42, 2012.

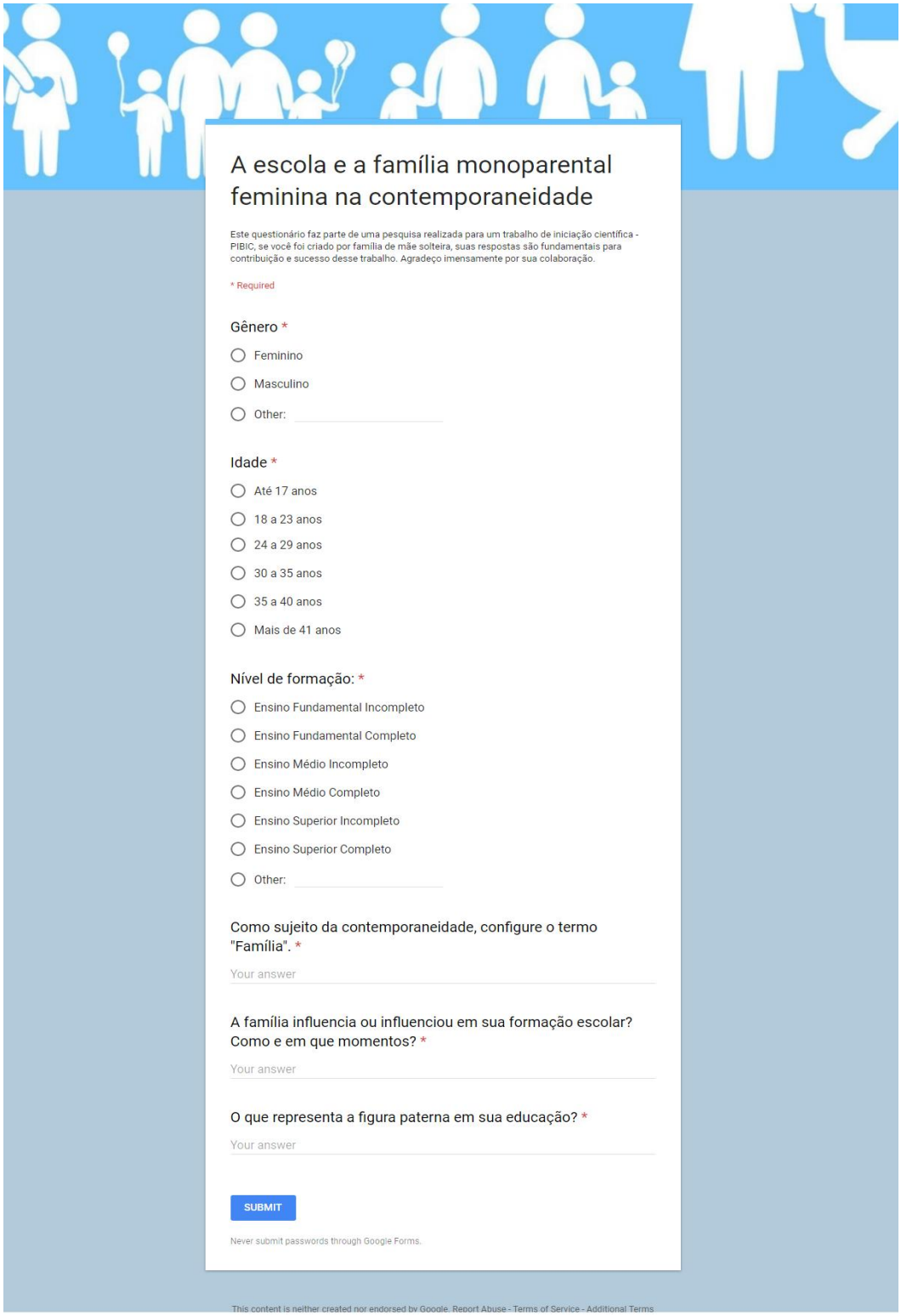
SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola:** desafios e perspectivas. Brasília, Plano Editora, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo, editora Atlas, 1987.

WELL, Pierre. **A criança, o lar e a escola.** Petrópolis, 13ª ed. Editora Vozes. 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamentos e métodos. Porto Alegre, editora Bookman, 2001.

APÊNDICE A



A escola e a família monoparental feminina na contemporaneidade

Este questionário faz parte de uma pesquisa realizada para um trabalho de iniciação científica - PIBIC, se você foi criado por família de mãe solteira, suas respostas são fundamentais para contribuição e sucesso desse trabalho. Agradeço imensamente por sua colaboração.

* Required

Gênero *

- Feminino
- Masculino
- Other:

Idade *

- Até 17 anos
- 18 a 23 anos
- 24 a 29 anos
- 30 a 35 anos
- 35 a 40 anos
- Mais de 41 anos

Nível de formação: *

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Other:

Como sujeito da contemporaneidade, configure o termo "Família". *

Your answer

A família influencia ou influenciou em sua formação escolar? Como e em que momentos? *

Your answer

O que representa a figura paterna em sua educação? *

Your answer

SUBMIT

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. Report Abuse - Terms of Service - Additional Terms

Fonte: Google Formulários. Print da autora.

APÊNDICE B

A escola e a família monoparental feminina na contemporaneidade

Faculdade de Educação (FE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa "**A Escola e a família monoparental feminina no mundo contemporâneo".** Esta investigação faz parte do trabalho de conclusão de curso realizada pela graduanda **Bruna Evelin Souza Filgueiras**, coordenada pela professora Otília Maria A. N. A. Dantas. O objetivo deste estudo visa compreender os laços que vinculam a escola a família monoparental feminina e as contribuições para os processos de ensino e aprendizagem. Sua participação nesta pesquisa consistirá em: coleta de informações por meio de um questionário. Abaixo há a pergunta se aceita participar desta pesquisa, em caso afirmativo, o pesquisado cederá os direitos ao pesquisador para o uso das informações que serão analisadas, bem como as publicações advindas desse processo. A qualquer momento você pode desistir de participar. Para isso apenas nos informar, pois desta forma os dados serão desconsiderados. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidencias e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto pelos pesquisadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Para qualquer esclarecimento, seguem os contatos das pesquisadoras:

Bruna Evelin Souza Filgueiras – bruna_evelin7@hotmail.com

Professora Dra. Otília Dantas - otiliadantas@unb.br

( ) Concordo em responder este questionário.

( ) Não concordo em responder este questionário.

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo:
2. Endereço residencial:
3. Idade
4. Cel.:
5. E-mail:

II. ENTREVISTA

6. Diante da sua experiência como docente, configure a família contemporânea.
7. Quantas crianças você atende em sua sala de aula?
8. Quais os tipos de família você identifica em sua sala de aula?
9. Qual tipo de família você considera dominante em sua sala de aula?
10. Como é o relacionamento destas famílias com a escola?
11. As crianças são assíduas? Em caso negativo qual a razão da ausência?
12. Quem costuma conduzir as crianças à escola?
13. Em casa, as crianças são acompanhadas pedagogicamente pela família? E qual o papel da mãe nesse momento?
14. Você acha que o relacionamento das crianças com a família influencia no sucesso escolar? E com a mãe?
15. A família comparece a escola sempre que solicitada? Quem costuma aparecer? Se não, qual (is) a(s) justificativa(s)?
16. Como é o relacionamento da família com a professora e a escola (reuniões, festividades...)? E da mãe?
17. O (s) aluno (s) já relataram a ausência do pai em algum momento? O que eles dizem?
18. Na escola em que trabalha acontece celebrações para o:

[ ] Dia da Família

[ ] Dia das Mães

[ ] Dia dos Pais

18. Em quais circunstancias a família mais participa do cotidiano da escola?

19.A escola possui ações positivas de valorização aos diferentes tipos de família? Quais?

Agradecemos sua colaboração

Brasília, 2017.